

Nos últimos sete dias, foram registradas 21.141 mortes pela covid-19 — 6% de todos os óbitos anotados desde que a doença foi detectada no Brasil, há pouco mais de um ano. Especialistas alertam para risco de novas variantes do coronavírus

País tem pior semana da pandemia

» ISRAEL MEDEIROS

O Brasil teve a semana mais mortal desde o início da pandemia do novo coronavírus. Segundo o Ministério da Saúde, o número de mortes causadas por covid-19 entre 4 e 10 de abril foi de 21.141. Isso significa que o período concentrou 6% de todos os óbitos no país em toda a pandemia. O dia com maior letalidade foi a quinta-feira (8), que registrou 4.249 óbitos. Com isso, o Brasil chega à marca de 351.334 vidas perdidas para o novo coronavírus.

Entre a sexta (9) e o sábado (10), foram 2,6 mil mortes e 71.832

novos casos de infecção registrados. A taxa de letalidade é de 2,6%. Já o número de infectados chegou a 13.445.006. O estado com maior número de casos acumulados na pandemia é também o que possui maior número de mortos: São Paulo, com 2,6 milhões de contágios e 82.407 óbitos.

Para a infectologista Ana Helena Britto Germoglio, a lenta vacinação, a ausência de testagem em massa e a falta de uma coordenação para restringir a circulação de pessoas são alguns dos principais motivos para o país ter chegado ao pior momento da pandemia.

“Em países como Cuba, Ruan-

da, que não são ricos, houve um sério enfrentamento à pandemia. Eles investiram em testagem, aumento da rede hospitalar, em comunicação efetiva e em auxílio governamental para a população. E investiram em contenção da circulação de pessoas, que seria um lockdown de forma restrita e localizada. Nós não fizemos isso em momento algum”, diz.

Ela também alerta para o fato de que, com as novas variantes identificadas no Brasil, há risco de as vacinas aplicadas por aqui fica-

rem desatualizadas e, portanto, perderem eficácia. “Quando há muita circulação do vírus, é comum que haja mutação. As vacinas que temos agora são eficazes contra variantes, mas elas podem se tornar ineficazes ou menos eficazes. Por isso, é importante vacinar o máximo de pessoas por dia.”

A infectologista avalia que o país deve ter o pior momento da pandemia na terceira semana de abril, para, só então, ver uma diminuição no número de casos.

Antes disso, o número de mortes diárias pode aumentar e bater em 5 mil por dia. Nesse cenário, ela critica a realização de eventos que podem maximizar a possibilidade de contágios, como cultos e missas, apontados como encontros com maior potencial de infecção.

“O que precisamos agora é orientar a população dos riscos de professar a fé em um ambiente fechado, com pessoas cantando. Vários estudos mostram que quando falam alto ou cantam, principalmente em locais fechados, onde as pessoas tendem a manter menos distanciamento, o vírus pode viajar por mais de 6

metros. É um risco desnecessário para a população. Por que eu não posso praticar minha fé em outro local? Em casa, ao ar livre?”

Julival Ribeiro, infectologista da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), ressalta que o Brasil deveria seguir os exemplos do Reino Unido, de Israel e do Chile, que adotaram medidas restritivas mais rígidas. “O Brasil precisa adotar um lockdown de verdade e vacinar em massa. Eu sei que existem problemas econômicos, e isso cabe aos governantes resolver. O que não podemos permitir é uma pandemia sem controle. Nosso sistema de saúde está em falência.”



Brasileiros vacinados no exterior: alívio

» MARIA EDUARDA CARDIM

Enquanto o Brasil presencia um cenário de caos, ansioso para engatar uma vacinação contra covid-19 mais célere e, assim, conseguir viver tempos mais calmos, alguns dos 3,6 milhões de brasileiros que moram no exterior, segundo estimativa do Itamaraty, vivem um quadro totalmente diferente. Já vacinados, eles veem a vida retomar a normalidade, comemoram a rápida imunização, mas não deixam de se preocupar com os parentes que ficaram na terra natal e ainda sequer têm previsão de receber a primeira dose da tão sonhada vacina.

É o caso do engenheiro de produção Victor Spach, 26 anos, que mora em Israel há três anos e já tomou as duas doses da vacina da Pfizer, a Comirnaty, ainda em fevereiro. “Quando começaram a surgir as vacinas, não esperava ser vacinado tão rápido, mas os avanços dos acordos das vacinas foram feitos de forma surpreendente. Então, Israel conseguiu adquirir muitas vacinas”, lembra.

Atualmente, Israel é o país que mais imunizou a população. Segundo o site Our World in Data, desenvolvido pela Universidade de Oxford, 61,29% dos israelenses já receberam pelo menos uma dose da vacina contra a covid-19. Victor observa que a maioria das pessoas do convívio dele já foi protegida.

O morador de Israel afirma que a vacina representa esperança, já que, com ela, as coisas podem voltar ao menos “um pouco ao normal”. “Foi um privilégio ter tomado essa vacina tão cedo, porque vejo as condições dos outros países, inclusive do Brasil, que são, realmente, muito preocupantes”, lamenta.

Assim como Victor, Carlos Wesley Silva, 37 anos, morador de Chicago, nos Estados Unidos, já tomou as duas doses da vacina da Pfizer. Sem pagar pela vacina, o motorista de aplicativo utilizou o sistema público para receber o imunizante. “Não esperava ser vacinado tão rápido, mas fui porque sou trabalhador essencial, então consegui me encaixar em um dos requerimentos do governo”, contou.

Fotos: Arquivo Pessoal



Residente na Califórnia, a estudante Camilla Almeida conseguiu vacina também para os pais, que foram visitá-la. Victor Spach foi imunizado em Israel. A preocupação é com os parentes no Brasil

O imunizante da Pfizer é um dos aplicados na população americana. No Brasil, apesar de já ter registro definitivo concedido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), ele não está disponível para a população. Isso porque o governo federal chegou a recusar ofertas da Pfizer em 2020, em razão das cláusulas contratuais, segundo o Ministério da Saúde.

Com a legislação flexibilizada pelo Congresso Nacional, a partir, no mês passado, fechou contrato para compra de 100 milhões de doses da Comirnaty. No entanto, apenas 1 milhão de unidades chegarão neste mês ao Brasil, segundo a Pfizer. Outros 2,5 milhões serão enviados em maio e o restante será entregue até setembro.

Preocupação

Wesley, que aos 37 anos está

imunizado, se preocupa de longe com a mãe, de 57 anos, que ainda não tomou nem a primeira dose no Brasil. “É muito triste, porque os governantes não se preocuparam em fazer o que estão fazendo agora, que já é um pouco tarde”, critica. O sentimento de preocupação com familiares e amigos que moram no Brasil é comum entre os brasileiros que vivem no exterior.

Para a estudante Camilla Almeida, 27 anos, que mora em San Diego, na Califórnia, a preocupação é um pouco menor. Os pais que foram visitá-la nos Estados Unidos e acabaram sendo imunizados lá. “Eu não imaginava que seria vacinada tão cedo, quanto mais meus pais, que não moram aqui”, disse. Ela, o pai e a mãe receberam a vacina da Janssen, que requer dose única.

A mãe de Camilla, Mônica

Almeida, 55 anos, foi passar o Natal de 2019 com a filha e, com o surgimento da pandemia da covid-19, adiou a volta ao Brasil. Por isso, Mônica precisou estender o visto por duas vezes. “Vou entrar na minha terceira extensão para esperar a situação no Brasil melhorar um pouco. Por mais que eu tenha sido vacinada, tenho medo das variantes do vírus que surgiram no país”, disse.

O governo brasileiro também comprou a vacina da Janssen, empresa farmacêutica da Johnson & Johnson, mas as 38 milhões de doses do imunizante só devem começar a ser aplicadas no braço dos brasileiros em julho. O contrato foi fechado mês passado. “Eu me sinto privilegiada por ter recebido essa vacina aqui. Quando olho para o Brasil, penso que estava no lugar certo na hora certa”, avalia Mônica.

» Os 10 países que mais aplicaram

Ainda com uma vacinação considerada lenta, o Brasil vê outros países avançarem na imunização dos cidadãos

País	Percentual da população que recebeu a 1ª dose
Israel	61,29%
Estados Unidos	33,50%
Bahrein	32,45%
Hungria	27,84%
Uruguai	22,97%
Alemanha	14,57%
Turquia	12,60%
Brasil	9,12%
Índia	5,98%
Rússia	5,58%

» Na comparação por números relativos, Israel continua como o primeiro lugar da lista. O Brasil fica na 18ª posição.

Países que mais aplicaram pelo menos a primeira dose por grupo de 100 habitantes

Israel	118,13 doses a cada 100 habitantes (1º Lugar)
Estados Unidos	53,47 (6º Lugar)
Brasil	12,11 doses (18º Lugar)

Fonte: Our World in Data (dados até 9 de abril)

CASO HENRY

Câmara do Rio avalia cassar Dr. Jairinho

Preso nesta semana por suspeita de matar o enteado de 4 anos, o vereador carioca Dr. Jairinho (Solidariedade) pode ser o primeiro parlamentar cassado pela Câmara do Rio. O caso do menino Henry despertou um choque tão grande entre os colegas, que o Legislativo deve caminhar rumo a esse desfecho — que até hoje inédito, mesmo com o histórico de prisões de vereadores nos últimos 20 anos.

Ex-ocupantes das cadeiras do

Palácio Pedro Ernesto, nomes como Nadinho de Rio das Pedras, Jerominho, Cristiano Girão e Luiz André Ferreira da Silva, o Deco, foram presos no âmbito de investigações que miraram envolvimento com grupos milicianos. Apesar de medidas temporárias impostas pela Casa, nenhum deles perdeu efetivamente o mandato por decisão dos colegas.

O caso de maior impacto para o político criminoso foi o de Girão, que perdeu as funções por

ter passado mais de 120 dias ausente da Câmara — afinal, estava preso — em 2009. Foi, contudo, um mero cumprimento do regime interno.

Com Jairinho, a brutalidade da morte de Henry levou os vereadores a sugerirem medidas que vão além dos trâmites tradicionais da Casa. Atualmente, ele está com os salários suspensos e será afastado se tiver a prisão estendida — a decisão impõe detenção temporária de 30 dias, enquanto a Câmara prevê o afastamento a partir do 31º dia de ausência.

Como é quase certo que ele ficará pelo menos 120 dias preso — a menos que a Justiça conceda o habeas corpus impetrado pelo advogado de defesa —, o Legisla-

tivo poderia seguir o caminho natural de aguardar esse prazo para cassar o mandato. Há, no entanto, um movimento que busca antecipar essa punição.

“É o mínimo que esta Casa pode fazer diante de tamanha barbárie. São muitas as evidências, não é possível conviver numa casa de leis com alguém acusado de um crime tão cruel e covarde”, aponta a vereadora Teresa Bergher (Cidadania), que está no quinto mandato e preside a Comissão de Direitos Humanos. “Acho que ele deveria ter sido afastado imediatamente, e não só daqui a um mês. Essa resposta à sociedade chega tarde. A Câmara precisa rever as regras do Conselho de Ética, que são muito brandas.”

Tânia Rêgo/Agência Brasil/ Fotos Públicas



Suspeito de matar o enteado de 4 anos, vereador está em prisão temporária